

Introdução

O Projeto de pesquisa “A resistência no início do tratamento - estudo do processo da psicoterapia psicanalítica” vem trabalhando questões relativas ao processo e aos distintos tipos de registro de sessões de psicoterapia de orientação psicanalítica. A partir deste foco, evidenciou-se que o registro de todas as falas da sessão, feita através da gravação, deixa de fora grande parte do que acontece no tratamento. Naturalmente, surgiu a reflexão sobre a comunicação, de modo mais amplo, na sessão e fora dela.

No atual desenvolvimento do projeto, pretende-se discutir as implicações da comunicação psicoterapeuta-paciente fora da sessão, especialmente através de mensagens de texto por celular (sms).

A comunicação entre paciente e terapeuta através de mensagens de texto via telefone celular é algo bastante recente e cada vez mais presente na prática clínica, embora pouco discutido em trabalhos e publicações, principalmente pela polêmica do quão analítico seria o seu uso. Os poucos artigos que mencionam o uso de mensagens por texto, ou outras formas de comunicação que ocorram fora da sessão, alertam para o risco de uma possível atuação (Gordon et al, 2014; Lisondo, 2014). Porém, estes artigos focalizam essencialmente a análise à distância, via skype, e não o uso de mensagens em um tratamento convencional.

Metodologia

O método utilizado é a leitura clínica do caso. Buscou-se compreender as possíveis implicações do envio de mensagem pela terapeuta à paciente sobre o processo do tratamento, através da análise das sessões seguintes a estas comunicações. As hipóteses construídas pelo pesquisador e pela orientadora, a partir da leitura do material, foram discutidas levando a uma compreensão conjunta do tema abordado.

Sobre o material clínico

A paciente C. tinha 20 anos de idade, e a hipótese diagnóstica era de uma estrutura limítrofe, ou fronteira (Green, 1986/1990). O tratamento de C. teve duração de cerca de 8 meses e foi permeado por muitas faltas, sendo que a paciente compareceu a 13 sessões durante este período. A dificuldade em comparecer às sessões foi compreendida como sendo uma das expressões do funcionamento da paciente.

As sessões foram gravadas em áudio e supervisionadas semanalmente por um grupo de psicanalistas e psicoterapeutas.

Para este trabalho foram escolhidas 4 sessões:

- As sessões 10, 12, e 19, que ocorreram após a terapeuta ter enviado mensagem de texto (sms) à paciente;
- A sessão 15, pois na supervisão desta sessão foi sugerido que seria melhor evitar esse tipo de comunicação fora da sessão.

Resultados e discussão

Constatou-se que a paciente compareceu às sessões em três momentos distintos do tratamento após o envio de mensagem da terapeuta:

- Na sessão 10, a paciente comparece após duas faltas. Mas ela novamente falta à sessão seguinte.
- Após esta falta, terapeuta manda mensagem e paciente comparece à sessão 12 e às três sessões seguintes.
- A paciente falta às sessões 16, 17 e 18. Terapeuta envia mensagem de texto e paciente retorna na sessão 19.

Ou seja, percebe-se que, ao longo do tratamento, a paciente sempre compareceu após receber mensagens da terapeuta. Ficou evidente que a paciente atendia ao “pedido” da terapeuta para que ela comparecesse, geralmente deixando claro, em sua fala, que o desejo vinha da terapeuta, e não dela. Apesar disso, alguns momentos destas sessões foram bastante proveitosos, com exceção da última sessão (19), na qual a paciente e terapeuta já haviam se desligado.

Tratando-se de uma paciente em uma organização fronteira, pode-se pensar que os contatos da terapeuta antes da sessão mantinham o tratamento vivo em sua mente. Green (1986/1990) afirmou que, para os pacientes fronteiros, é fundamental sentir que o analista permanece vivo, que reage à sua fala e que permanece em contato com ele. Green sugere que a questão da neutralidade seja reinterpretada nestes casos, principalmente em função do caráter destrutivo que eles imprimem ao trabalho analítico. O autor sugere, deste modo, que o analista precisa se mostrar mais ativo, demonstrando constantemente ao paciente que este não o destruiu, e não destruiu o tratamento (Green, 1986/1990).

De modo semelhante, Winnicott (1955/2000) afirmou que, nestes casos, o ambiente que o analista oferece para o paciente torna-se, muitas vezes, mais importante do que a atividade interpretativa. Por isso, o analista precisaria se adaptar às reais necessidades do paciente, possibilitando a este uma esperança de que o seu verdadeiro *self* terá chance de experienciar uma sensação de sentir-se vivo, de poder novamente encontrar seu gesto espontâneo e desenvolver-se.

Considerações finais

Esse trabalho não pretende concluir se o uso de *sms* é benéfico ou não, até porque tais questões são muito específicas a cada tratamento, devendo ser sempre avaliadas em supervisão. No entanto, a partir deste caso, pode-se pensar que as mensagens fora da sessão podem ser necessárias para manter o tratamento nos casos de pacientes em que isso seja muito difícil em função de sua fragilidade estrutural. Nestes casos, pode ser interessante recorrer a esse recurso, abrindo-se espaço para refletir sobre sua utilidade técnica, e não necessariamente o caracterizando como uma atuação do terapeuta.

Referências

- Gordon et al. (2014). Realidade virtual e setting: de costas para o futuro? *Revista Brasileira de Psicanálise*, 48(1), 93-104.
- Lisondo, A. (2014). O analista diante das nossas tecnologias. Trabalho apresentado no 30º congresso latino-americano de psicanálise.
- Green, A. (1986). *Conferências brasileiras de André Green: metapsicologia dos limites*. Rio de Janeiro: Imago, 1990.
- Winnicott, D. W. (1955). Formas clínicas da transferência. In: WINNICOTT, D. W. Da pediatria à psicanálise. Obras Escolhidas (pp.193-198). (Davy Bogomoletz Trad.) Rio de Janeiro: Imago, 2000.